

O Libertário

LUTAMOS CONTRA
TODAS AS FORMAS DE
TIRANIA, DE EXPLORAÇÃO
E DE OBSCURANTISMO — E EM PROL DE
LIBERDADE E BEM-ESTAR
PARA TODOS.

A Reforma de Base que se impõe

Tratando-se, aqui, por várias vezes, da situação sob todos os pontos de vista anômala que atormenta a vida da população brasileira, deixou-se patenteado não haver a mínima perspectiva de possibilidade para a solução — dentro do quadro da organização vigente da sociedade — dos problemas que ocasionam a desorganização geral da vida do País.

Partindo dessa constatação, chega-se à conclusão da necessidade imperiosa de ser buscada a solução nos fundamentos da sociedade, objetivando proceder-se às reformas de base capazes de romper o círculo vicioso das medidas paliativas que nada resolvem.

Assim se está procedendo por esse mundo afora, em países atormentados por situações semelhantes.

E não se poderá julgar e agir como se o Brasil tivesse vida à parte do convívio das nações, pois suas normas político-econômico-sociais são basicamente idênticas às que regem todos os países sujeitos ao domínio do regime capitalista — do qual dimanam as anomalias que perturbam a vida brasileira exatamente como a dos demais povos a ele sujeitos.

Mas será possível proceder-se — no momento presente — a uma reforma da sociedade brasileira em bases fundamentais diversas das normas agora vigentes?

Haverá possibilidade prática de se operar uma reorganização tão radical na vida social brasileira com os elementos que aí estão — materiais e humanos?

Eis a inevitável interrogação que se apresenta em meio às preocupações e inquietudes daqueles que enfrentam o estudo dos problemas sociais obedientes ao critério do livre exame.

E não é de estranhar que isso aconteça. O problema se apresenta numa visão panorâmica aparentemente de tal complexidade que não deve causar espécie surgirem manifestações de dúvidas, de ceticismo e mesmo negativas, dada a tendência acomodatória que vem dominando grande parte do povo vítima das injustiças da sociedade capitalista hoje dominante.

É o imperativo da mentalidade de atrofiação conformismo vigente, aqui, como entre outros povos, que, se não justifica, explica o fato de ainda existirem regimes de ditaduras, de governos tiranos e até de escravaturas — e que impede que o povo se decida a uma luta decisiva contra o elemento causador de sua situação tormentosa.

Essa mentalidade é alimentada pela tendência à conformidade com o existente, ao respeito e à submissão à chamada ordem constituída, havendo até quem chegue ao absurdo de julgar que nos devemos conformar com a atual situação de fato, porque ela é mantida por um poder legal vigente há dezenas de anos e que, por isso não poderá ser substituído.

E as gerações se têm sucedido submetidas a um regime de penúrias, tardando o povo a se convencer de que os males sociais são oriundos do regime de privilégios e de opressão dominante, que age sob a égide da legalidade vigente.

Por isso, compreende-se que a perspectiva da substituição dessa organização opressiva por novas normas de convivência capazes de facultar um regime de liberdade e de igualdade social desperte temores de que dessa renovação na estrutura da sociedade possa resultar uma situação de desordem e de desorganização na vida pública.

O retardatário e reacionário conceito da intangibilidade do regime capitalista, resultante da mentalidade conformista baseada no "fato histórico", na ordem constitucional, no poder constituído, na submissão ao princípio de autoridade encontra formal repulsa num superficial exame da história.

Um rudimentar raciocínio permite responder-se facilmente a quem se abroquele nesse ponto de vista.

O limite sintético deste artigo não permite buscar se, com detalhes, nos escaninhos da história, acontecimentos — grandes e pequenos — de limitada influência ou de larga repercussão internacional, que expressem formal demonstração da inconsistência de todos os regimes de opressão.

Antes da grande revolução de 89, na França, uma seqüência inumerável de

acontecimentos históricos registra a queda de poderes constituídos, de governos de fato e legais, para serem substituídos por outros, que, também sendo legais, foram igualmente derrubados, para darem lugar ao estabelecimento de novas situações.

Quando o povo francês se lançou na revolução, e, com a queda da Bastilha, simbolizou o início de um novo ciclo de civilização, outra coisa não fez senão investir contra a ordem legal, então a serviço dos privilégios da nobreza e do clero, para, infelizmente, com um truncamento do curso da revolução libertadora, constituir um novo poder estatal — o da burguesia, baseado na mesma legalidade que mantinha todos os regimes de opressão que o antecederam e desapareceram sob a ação da rebeldia popular. Entretanto, não precisamos sair do Brasil para que o problema em exame fique suficientemente esclarecido, baseando-nos em alguns dos principais episódios da nossa história.

Vejam os. A vida nacional brasileira iniciou-se sob o regime colonial, isto é, com o domínio de outra nação. Era um regime legal, com base num poder estatal legítimo, de acordo com as leis internacionais vigentes. No entanto, nem por isso deixava de ser um regime de opressão, tirânico e explorador.

Por isso, a história do Brasil registra a epopéia da luta pela independência, que foi uma luta contra poder constituído, contra um governo legal, contra a ordem estabelecida dentro das leis em vigor.

E os que sofreram e sucumbiram como malfetores e inimigos da ordem, hoje são justamente glorificados como benfeitores, como heróis da Pátria.

Ao domínio colonial substituiu a monarquia constitucional, que, não obstante representar um governo legal, foi derrubada por uma revolução que implantou outra organização estatal nas bases republicanas. Também os elementos que lutaram pelo estabelecimento da República haviam sido consideradas criaturas fora da lei, inimigos da ordem, passando depois a figurar na história com merecido destaque de honra.

Há, também, um pungente período da história do Brasil que deve servir de teste demonstrativo da ausência de invulnerabilidade do regime capitalista, baseado em preceitos legais.

Trata-se dessa legalidade que mancha a história brasileira — a escravidão do negro. O regime da escravidão tinha bases legais, era um "fato histórico" que não podia deixar de ser reconhecido.

Era odiosa a escravidão do homem de cor, era revoltante o fato inconcebível de milhares de homens serem propriedade de outros homens, caçados em seu próprio "habitat" como se fossem feras, acorrentados e negociados, e cujos proprietários tinham sobre eles o direito de maltratá-los, além de explorá-los. Mas essa odiosidade estava de acordo com a lei, com as normas dos poderes constituídos.

E contra esse infamante direito legal surgiu a luta emancipadora, que, depois de consignar páginas de glória sublime na história brasileira, acabou com essa legalidade criminosa.

E que dizer dos movimentos populares e das revoluções remodeladoras realizadas contra situações opressoras, mas legais, movimentos esses que acabaram sendo vencedores, para o estabelecimento de novas normas políticas e administrativas?

Foram movimentos de rebeldia contra a legalidade tirânica estabelecida como poder constituído. Mas re-

presentavam movimentos de revolta contra a injustiça e em prol da justiça em favor do povo. E, vencendo, passaram a ser legítimos e glorificados.

São ensinamentos da história, demonstrando que jamais se conseguirá opor barreiras definitivas ao curso progressivo dos movimentos sociais que buscam estabelecer novas normas de convivência humana capazes de proporcionar a maior soma possível de bem-estar e liberdade para todos.

Esse é o imperativo do momento presente, por esse mundo a fora — sem exclusão deste nosso atormentado Brasil.

EDGARD LEUENROTH

CONTRA A GUERRA

Glória a quem matar a guerra pelo ridículo, a quem esvair com uma picada de pena o balão dos heróis das batalhas e mostrar de que elementos de palhaçada, de farsa, de cinismo se compõe um herói guerreiro. Foi o que Stendhal entreviu, o que Tolstói soube penetrar, definir, exprimir em seu admirável romance, o livro do século: *A Guerra e a Paz*.

HENRIQUE BAUER

P. C. Instrumento da Contra Revolução

Parece mentira! É, porém, verdade! Verdade dura e triste! Mas verdade! As camadas atuantes do proletariado sabem, hoje, muito menos, das atitudes a tomar, para a extinção do regime capitalista, do que sabiam no princípio deste século.

A principal causa deste deplorável fenômeno foi a Contra-Revolução com a consolidação do Partido Comunista, no poder, logo no início da Revolução Russa.

A Contra-Revolução prendeu a quase totalidade do proletariado atuante aos interesses da Rússia, interesses que nada têm que ver com os do proletariado mundial, como faz crer.

A Rússia substituiu o capitalismo privado, pelo capitalismo de Estado. No primeiro, há uma classe privilegiada e é formada, fundamentalmente, pelos capitalistas. No segundo, há, também, uma classe privilegiada e é constituída pelos grandes funcionários do Estado, que substituíram os aristocratas russos, em seus privilégios.

Na Rússia, o proletariado, sem mesmo o mínimo de liberdade que possui o proletariado em outras partes, onde não há ditadura, deseja, há muitos anos, atingir o padrão de vida da sua classe, nos Estados Unidos, e ainda não logrou, apesar de quase meio século de regime.

O proletariado mundial iludido por intensa e dispendiosíssima propaganda, iludido, inclusive, por vasta rede de funcionários que o Partido Comunista Russo mantém atuando junto

aos demais partidos comunistas, faz o jogo da Rússia que, como qualquer outro Estado capitalista, disputa aos demais Estados, os mercados internacionais, principalmente, aos Estados Unidos, no momento, o mais poderoso.

Está desta sorte o proletariado mundial, atuante, desviado da sua verdadeira luta que é a extinção do capitalismo, quer do capitalismo privado, quer do capitalismo estatal, e a extinção do Estado que representa sempre o domínio de uma classe sobre outra.

Sacrifica-se o proletariado atuante, sem que isto perceba, numa luta, em que o proveito é só daqueles que se revezam na classe privilegiada ou nas suas melhores posições. "Os esforços dos trabalhadores para conquistar a sua emancipação não devem constituir novos privilégios, mas estabelecer, para todos, os mesmos direitos e os mesmos deveres". (Estatutos da Internacional). Cumpre ao proletariado atuante ir arrancando, dos capitalistas e dos governantes, melhoramentos morais e materiais, enquanto, instruindo-se, procure esclarecer a parte amorfa e inconsciente do proletariado, até a transformação social que ponha termo à exploração do homem pelo homem.

O proletariado atuante não deve concorrer para um completo domínio de uma facção política sobre outra, porque do equilíbrio das facções, lhe vêm melhores condições de luta.

No Brasil como em outros Estados, a direção do Partido Comunista, para a tomada do poder, procura, insinuando-se, envolver o executivo. Para isso, dá todo o apoio a este, fazendo crer que o Chefe da Nação, que por seu turno finge não perceber o jogo, para bem se aproveitar dele, está interessado na transformação do regime. Este processo de tomada do poder, ensaiado já no século passado, somente deu resultado em Cuba, isto mesmo, por falta de tato do Governo dos Estados Unidos.

Enquanto os dirigentes do Partido procuram tirar todo o proveito da aliança com o Chefe da Nação, este se serve deles, para fortalecer-se cada vez mais, até que já não precisando do aliado, passa a persegui-lo até livrar-se dele.

Na sua técnica revolucionária, vem o Partido dando todo o apoio ao Sr. João Goulart, transformando-o em líder do proletariado brasileiro. Assim concorre para o enfraquecimento de toda a oposição, quando, paralelamente a ela, devia lutar. Chama neofascista a quem faz oposição ao Sr. João Goulart, procurando dar a entender ser ele, homem de esquerda, fingindo ignorar a sua formação tipicamente fascista.

Dá cobertura às greves insulfadas pelos partidários ou agentes do Sr. João Goulart, instalados em postos de direção, e apoiados manhosamente por este, greves estas que não beneficiam em nada o trabalhador. Se beneficiassem, ou não se fariam, ou far-se-iam à custa de muito sacrifício.

Não se pejam os dirigentes do Partido Comunista, de apresentar como de esquerda, os mais refinados fascistas, e acusar de fascistas, os que lutaram contra o Estado-Novo e até hoje lutam contra os remanescentes dele, os quais, não obstante a queda do Estado-Novo, ainda se mantêm no poder.

E o proletariado atuante que, quase na sua totalidade, ouve a voz do Partido, vai-se tornando cada vez mais confuso. Cada vez se afasta mais dos seus verdadeiros objetivos.

Líderes fascistas e líderes comunistas passaram a falar a mesma linguagem. E, por ser a mesma, é de opressão e não de libertação. Opressão irremediável do capitalismo privado! Opressão irremediável do capitalismo de Estado!

SERAPHIM PORTO

A REVOLUÇÃO CUBANA

Embora o presente Encontro Libertário tenha por finalidade específica exame de problemas relacionados com o Movimento Anarquista e as atividades de suas iniciativas, julga necessário um pronunciamento sobre a Revolução Cubana, para deixar bem clara a atitude dos libertários com relação a esse acontecimento social que focaliza as atenções de todo mundo. Os anarquistas estiveram sempre ao lado do povo nas lutas pela sua liberdade, combatendo, portanto, todos os regimes de tirania a que tem estado sujeita a ilha das Antilhas.

Não é de agora essa atitude do movimento libertário. Vem desde o tempo das lutas pela sua libertação do domínio colonial. E essa conduta dos militantes anarquistas não se evidencia apenas em demonstrações de simpatia e solidariedade. Muito seria preciso escrever para registrar os sacrifícios que têm sido impostos aos militantes libertários cubanos e de outras nacionalidades lá domiciliados.

Como sempre, os libertários de Cuba participaram de todas as fases da luta contra a ditadura batistiana, tendo atuação de destaque em *Sierra Maestra*, dela descendo a frente das tropas que entraram em Havana. Isso está documentado, positivamente provado.

Não pode, portanto, encontrar justificação as perseguições de que estão sendo alvo e praticadas pela ditadura que se apossou do governo do país e está desvirtuando as finalidades da revolução.

A imprensa anarquista de Cuba foi suprimida, todas as organizações libertárias foram fechadas e, o que é mais odioso, os militantes anarquistas estão sendo alvo de toda a sorte de perseguições. Grande é o número de militantes anarquistas que tiveram de sair de Cuba, em virtude dessa reação atentatória às finalidades da revolução libertadora.

Não pode, pois, causar estranheza que se verifiquem atos de protesto contra essa situação. Esse movimento de protesto contra as perseguições a participantes da revolução, não podem ser confundidos com atos de elementos capitalistas, que são contrários a todos os movimentos de libertação social.

Os anarquistas estão com a revolução do povo cubano e, justamente por isso, não podem concordar com os ditadores que estão desvirtuando as finalidades pelas quais a revolução foi feita.

Sintetizando:

Os anarquistas continuam a defender a revolução cubana, pela qual pugnam com o fim de libertar o povo da ditadura sanguinária que o sacrificava e estabelecer um regime de liberdade e bem-estar para todos.

Conseqüentemente, condenam o novo regime ditatorial estabelecido em Cuba, com o cerceamento de toda a liberdade, sacrificando o povo que deveria libertar.

Essa atitude dos libertários combatendo a ditadura que sacrifica o povo cubano sob a égide de um princípio de justiça social, nada tem de comum com a ação dos capitalistas, que a repelem e denunciam como reacionária.

Assim, os anarquistas reunidos no Encontro Libertário, nos dias 15, 16 e 17 de novembro, denunciam a ditadura bolchevista dominante em Cuba como desvirtuadora das finalidades socialistas da revolução. Denunciam a ação reacionária dos capitalistas que querem restabelecer seu regime de privilégios, e proclamam que continuam a defender a revolução cubana com sua finalidade libertadora, para que ela retome sua marcha objetivando estabelecer o regime socialista libertário.

(Aprovado no Encontro Libertário realizado em São Paulo)

Decimo Encontro Libertário

SATISFATÓRIA À ASSISTÊNCIA — ENTRELACAMENTO DE CAMARADAGEM E TRABALHO OBJETIVO

A maior parte do espaço deste número de "O LIBERTÁRIO" é ocupado para a divulgação de um acontecimento de destacada importância no movimento social do Brasil: a realização de mais um encontro dos elementos libertários do País.

Foi em novembro transato, com a duração de três dias (15, 16 e 17), que se reuniu a família libertária para, em conjunto, passar em revista o desenvolvimento da obra em que está empenhada em prol da libertação social do povo, hoje sacrificado por todas as injustiças.

Nem todos puderam comparecer, mas foram muitos os que vieram — animados de entusiasmo consciente.

Os anarquistas têm um movimento pobre; pobre de recursos econômicos, mas rico de seiva ideológica, consciência reta, de limpeza moral e decisão coerentemente orientada, razão pela qual tem de contar exclusivamente com os recursos provenientes da contribuição de seus elementos, não se emporcalhando com as esportulas de inocentes úteis ou de adversários que dão dinheiro como saques para o futuro, a fim de fazerem a cobertura de uma garantia de tolerância de seu domínio e de exploração e tirania.

Por isso, não pode custear as pesadas despesas de viagem, hoje caríssimas, para reunir maior número de seus elementos espalhados por toda a parte.

Entretanto, o movimento anarquista vai-se desenvolvendo na sua obra de libertação social, conseguindo, de quando em quando, reunir em encontros os seus militantes, registrando-se a seguir o noticiário do que se passou no de novembro passado.

ROTEIRO DOS TRABALHOS

O TEMÁRIO — Este encontro caracterizou-se pela preocupação de resolver-se sobre problemas de natureza objetiva, isto é, relativos às iniciativas que exigem presentemente maior esforço dos militantes libertários.

Foram os seguintes os temas examinados e resolvidos de maneira satisfatória: Centro de Cultura Social de São Paulo, Centro de Estudos Professor José Otício, do Rio de Janeiro, Cooperativa Editora Mundo Livre, "O Libertário", Movimento Sindical, Assuntos Vários (para alguns assuntos suplementares) e Conferências.

AS SESSÕES — Em cada sessão procedia-se à constituição da mesa coordenadora dos trabalhos, formada por três elementos: Coordenador e os secretários de Atas e Expediente.

— Foram realizadas 8 sessões: preparatória, inaugural, recreativa, de encerramento e 4 para as resoluções sobre os problemas do temário.

— No dia 15 (sexta-feira), pela manhã, logo após a chegada dos elementos de fora, realizou-se a sessão preparatória, para o exame das normas dos trabalhos, o que foi feito rapidamente.

— Logo a seguir foi realizada a sessão inaugural, tomando a feição de um encontro de confraternização entre companheiros que passaram a conhecer-se pessoalmente ou que se reviam. Nela falaram os representantes de todos os setores do movimento libertário participantes do Encontro, trocando saudações, fornecendo informações sobre a situação de nosso movimento e das iniciativas executadas ou a serem postas em prática. Essa sessão, que passou a ser denominada de "desabafo", proporcionou a oportunidade para que todos ficassem à vontade e com uma impressão panorâmica do movimento anarquista no Brasil.

— Nesse mesmo dia, à tarde, foi realizada a primeira sessão para o exame da matéria do temário, nela sendo apresentados os trabalhos relativos às atividades do Centro de Cultura Social, de São Paulo, do Centro de Estudos Prof. José Otício, do Rio de Janeiro, e da Cooperativa Editora Mundo Livre. Tratando-se de trabalhos informativos, não houve debates.

— Ainda no dia 15, à noite, foi ouvida a conferência do Dr. Newton Josetti, seguida de debates.

— No dia 16, pela manhã, realizou-se a segunda sessão de debates, sendo examinado o trabalho sobre o órgão do movimento — "O Libertário", que foi aceito, seguindo-se, entretanto, numerosos pronunciamentos com indicações e alvites de iniciativas para ser ampliada a sua divulgação, merecendo geral acatamento. A seguir foi examinado o trabalho sobre Nossa Chácara, bem recebido, seguindo-se-lhe a apresentação do alvite do desdobramento dessa obra com a criação de uma comunidade agrícola nos moldes do kibutz, idéia que também teve acatamento, para a tentativa de sua consecução.

— No mesmo dia 16, à tarde, foi examinado o trabalho sobre o movimento sindical, geralmente aceito, com a ampliação de indicações práticas exigidas pela situação atual. Isso foi feito após demorada troca de impressões, com a intervenção de muitos dos presentes.

— A jornada de sábado (16) encerrou-se, com a sessão noturna, de caráter festivo, cujo programa consistiu em canto, música, monólogos, anedotas e declamação. Foi uma ani-

mada noite de uma antecipada e alegre despedida.

— No dia 17 (domingo), pela manhã, realizou-se a sessão de encerramento, com a presença de numerosa assistência, nela sendo ouvida a conferência de professor Aziz Simão, seguida também de debates.

ASSUNTOS VÁRIOS — Além dos assuntos constantes do temário e que provocaram a apresentação dos trabalhos agora publicados, foram tomadas outras deliberações suplementares.

Entre elas, deve ser citada a do pronunciamento em favor da revolução cubana e de repulsa à ditadura que a deturpou.

Deliberou-se também pôr em prática iniciativas no sentido de ser fomentado o intercâmbio cultural entre os militantes libertários, com a fundação também de Centros de Cultura em todo o País.

Outra atividade que mereceu a atenção do Encontro foi a de serem organizadas em todos os Estados comitês de correspondência, a exemplo dos já existentes em São Paulo e no Rio de Janeiro, com a finalidade de incrementar o movimento libertário, com a organização de grupos, alimentar as relações militantes, desenvolver a difusão de nossa propaganda por meio de jornais e livros, ativar o intercâmbio de informações sobre as nossas atividades.

AS CONFERÊNCIAS — Considerando o excelente resultado obtido no Encontro anterior (1962), resolveu-se incluir duas conferências no programa deste ano.

Para esse fim foram especialmente convidados dois elementos de grande valor cultural: Professor Aziz Simão, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de S. Paulo, onde leciona sociologia, que proferiu uma extraordinária palestra sobre o movimento social no Brasil, fazendo minucioso estudo histórico relativo aos setores trabalhista e anarquista, provocando marcante impressão e serenidade expositiva, a clareza na exposição das idéias, o raciocínio fácil e a maneira simpática com que respondeu às perguntas e objeções formuladas.

Valiosa foi igualmente a cooperação cultural do professor dr. Newton Josetti, que, deslocando-se do Rio de Janeiro, conviveu conjuntamente com os participantes do Encontro, acompanhado de familiares, para realizar sua brilhante conferência subordinada ao interessante tema: "Revolução Social e Modificação Individual", desenvolvido com a facilidade, clareza e brilho que caracterizam todas as orações do conferencista.

As duas conferências provocaram numerosas intervenções da assistência, respondidas pelos conferencistas, tornando-se um agradável e precioso torneio cultural, desenvolvido num ambiente de serenidade e absoluto respeito mútuo.

AS REPRESENTAÇÕES — Dadas as grandes dificuldades da atual situação, o número de militantes que participaram do Encontro chegou a ultrapassar as expectativas de todos. Muitas foram as comunicações de apoio à iniciativa feitas por militantes de vários pontos do País impossibilitados de comparecer em virtude das dificuldades profissionais, econômicas, familiares, de saúde, etc.

Compareceram militantes das seguintes cidades: Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Pindorama, Niterói, Pôrto Alegre, Bagé, Sergipe, Brasília. As representações mais numerosas foram as do Rio de Janeiro (40) e de São Paulo, a maior, por ter sido a sede do Encontro, facilitando a presença dos militantes.

ASSISTÊNCIA — Além dos militantes do movimento libertário que compareceram ao Encontro como participantes, estiveram presentes muitas pessoas como simples assistentes, entre os quais familiares dos participantes e outros, devendo-se citar o filho de um ex-consul cubano assassinado pela ditadura implantada em Cuba, que teve participação destacada na sessão festiva, tocando e cantando, tendo ainda tirado inúmeras fotografias de aspectos do Encontro. Estêve também presente um elemento do Rio de Janeiro que fez a filmagem do que de mais interessante se verificou no Encontro.

A ORGANIZAÇÃO DO ENCONTRO — Da preparação do Encontro Libertário encarregaram-se os militantes de São Paulo e do Rio de Janeiro, ficando a cargo dos companheiros de São Paulo a incumbência da recepção, hospedagem dos participantes, e preparação da sede destinada aos trabalhos, ficando a cargo dos elementos do Rio de Janeiro a tarefa de estabelecer as relações com os militantes de todo o País, alimentando a correspondência e as comunicações, no que também cooperaram os militantes de S. Paulo.

— O programa do Encontro foi organizado de comum acordo pelos militantes do Rio de Janeiro e de São Paulo, sendo transmitido com a antecedência necessária aos companheiros de todos os Estados.

— O custeio do Encontro foi feito com os recursos, exclusivamente, da militância libertária do País. Cada qual custeou suas despesas de viagem e transportes. As despesas de hospedagem e alimentação foram cobertas pelos recursos conseguidos em coletas feitas entre os militantes do Rio de Janeiro e de São Paulo, reforçados pela importância conseguida por meio da venda de um objeto ofertado por um militante de São Paulo.

Para reforçar os elementos já existentes em Nossa Chácara, foram adquiridos novos colchões, recebendo-se a oferta, por parte de um militante, de uma boa quantidade de travesseiros. Contou-se também com a ajuda dos participantes de São Paulo, que, além das que seriam necessárias para eles e suas famílias, levaram roupas de cama para servirem a outros.

Os elementos para a alimentação foram comprados com os recursos coletados. E o serviço de cozinha foi executado por familiares de militantes, com a ajuda de companheiros para atender às mesas.

A sede do Encontro serviu para a realização das sessões, para as conferências e para a reunião recreativa, e também, em parte, como suplemento aos dormitórios quando sua capaci-

dade foi ultrapassada, sendo rapidamente preparados pelos próprios participantes, para cada uma dessas necessidades.

Nas paredes do salão foi organizada uma exposição de material histórico do movimento libertário.

— Verificando-se um saldo depois de feita a cobertura das despesas existentes para a realização do Encontro, foi a importância a ele correspondente dividida entre Nossa Chácara e o "O Libertário", que estava precisando dessa ajuda.

CONGRESSOS ANTERIORES — Com caráter nacional, isto é, compreendendo representações de diferentes pontos do País, este foi o décimo encontro de militantes libertários do Brasil, a partir de 1914, com denominações diversas: conferências, encontros, congressos.

A conferência de 1914 realizou-se em São Paulo, sendo a de maior duração, pois foi realizada em seis domingos seguidos, nos meses de junho e julho. Em 1915 realizou-se um congresso no Rio de Janeiro, com representações de vários Estados e com a presença de dois militantes da Argentina. No mesmo ano, realizou-se também em então capital da República o Congresso Internacional de Paz, promovido pelos anarquistas. Em 1919, também no Rio de Janeiro, realizou-se o congresso do qual resultou a fundação do Partido Comunista — Anarquista, desaparecido depois de algum tempo de atividade anárquica. Seguiu-se-lhe o congresso realizado em São Paulo, em 1948, com duração de três dias. Em fevereiro de 1953, realizou-se um congresso no Rio de Janeiro. Na mesma cidade, promoveu-se em 1958, uma conferência, com elementos principalmente de São Paulo e do Rio de Janeiro. Em 1959, realizou-se em São Paulo a animada conferência que teve larga repercussão, em virtude do trabalho de dois repórteres de "O Cruzeiro" que conviveram com os libertários durante os três dias de sua duração. Em 1962, com a duração de três dias, realizou-se também em São Paulo a conferência que teve a presença de militantes de vários pontos do País.

APRECIACÕES SOBRE O ENCONTRO — Como era de esperar, muitos têm sido os comentários chegados ao nosso conhecimento sobre o que se passou em nosso Encontro, principalmente pelos aspectos que o diferenciaram das iniciativas de outros conglomerados ideológicos.

Além das apreciações verbais difíceis de registrar, vamos ocupar um cantinho do limitado espaço de que dispomos, para mencionar estas apreciações escritas:

COOPERATIVA EDITORA MUNDO LIVRE

Pode-se dizer que as atividades editoriais têm constituído uma das principais preocupações do movimento libertário do Brasil desde o início, aqui, de sua existência. Com essa finalidade, têm existido grupos editores, ocasionais uns, e outros com atividade mais duradoura, além das edições feitas por jornais e revistas anarquistas e mesmo por militantes individualmente, devendo-se mencionar a Editora Germinal, do Rio de Janeiro, iniciativa individual, de um militante libertário, já com várias obras editadas.

Numerosos foram os livros, e principalmente folhetos, sobre todos os aspectos do problema social editados pelo movimento libertário brasileiro.

Esse esforço no desenvolvimento da divulgação do ideal anarquista pelos veículos editoriais tem merecido especial atenção dos congressos, conferências e encontros libertários realizados no Brasil. Foi o que se verificou no Congresso Libertário realizado em 1959, em São Paulo, ao qual foi decidido trabalhar-se ativamente no sentido de ser constituída uma editora com caráter de continuidade, dando-lhe para isso uma organização com bases administrativas regulares.

Essa deliberação tornou-se uma promessa ora realizada com a fundação, no Rio de Janeiro, da Cooperativa Editora Mundo Livre.

Não foram poucas as objeções feitas a essa iniciativa, surgindo dúvidas a propósito de sua viabilidade, devido às grandes dificuldades de ordem técnica e econômica a vencer. Não obstante os fatores de ordem adversa, foi levada a cabo uma tarefa sistemática que permitiu a concretização do tão desejado objetivo.

Ainda em vias de organização de-

finitiva, conforme se verifica pelos estatutos submetidos a exame deste Encontro Libertário, para o respectivo registro, já contamos com 44 sócios quotistas, permitindo-nos nesse período inicial editar as seguintes obras: "O Retrato da Ditadura Portuguesa", de Edgar Rodrigues; "A Doutrina Anarquista no Alceance de Todos", do prof. José Otício; "Anarquismo — Roteiro da Libertação Social", de Edgard Leuenroth.

Estão programados para 1964 os seguintes livros: "O Anarquismo e a Ciência Moderna", de Pedro Kropotkin; "O Marxismo antes e depois de Marx", de Varlam Tcherkesof.

A Editora recebeu algumas centenas de várias obras sobre diversos aspectos do problema social, para serem vendidas em proveito de seus fundos editoriais.

Constituiu também atividade da Editora Mundo Livre a distribuição e venda de obras de outras editoras, o que já se vem fazendo.

Com suas finanças perfeitamente reguladas, pois até o último livro editado já está pago, abre-se para a nossa editora perspectivas satisfatórias, dependendo da cooperação efetiva de todos os interessados em sua obra a possibilidade de poder ampliar a sua produção.

Estamos presentemente empenhados na completa sistematização da distribuição das obras publicadas, de maneira a podermos conseguir o máximo de resultado nas vendas.

Firma-se cada vez mais a nossa convicção de que, com a perseverança da nossa atividade, conseguiremos solidificar definitivamente a existência da Editora e ampliar suas tarefas editoriais de maneira a atender às exigências da divulgação do ideal libertário.

De um participante do interior de São Paulo:

"... tenho muita saudade dos dias que passei na agradável companhia de todos os companheiros que estiveram em Nossa Chácara. Os meus, no início de minha chegada, estavam curiosos em saber de tudo e de todos que estiveram na "célebre chácara", que o nosso companheiro Edgard não esqueceu de fazer constar em seu livro recentemente lançado e que tem merecido elogios de capa a capa", "... continuarei dizendo sempre que a minha ida desta vez a São Paulo foi motivo de grande satisfação pela oportunidade que tive de conhecer companheiros de paragens longínquas".

Um dos militantes do Rio de Janeiro participante do Encontro assim se pronunciou:

"Todos os participantes a quem tive ocasião de perguntar sobre as impressões recebidas durante a estada em Nossa Chácara foram unânimes em se manifestar pela realização de novos Encontros, tão excelentes impressões trouxeram daqueles magníficos dias. Até certos aspectos que a nós, veteranos, pareceram cansativos, marcantes e negativos, foram recebidos e justificados com boa vontade e compreensão". "Como exemplo aqui fica o comentário espontâneo da filha de um professor participante, feito em nosso convívio: "O que achei de mais espetacular e maravilhoso é que, na reunião de um grupo tão numeroso de pessoas, e durante três dias, não se verificou nenhuma briga, nenhuma disputa, nenhum desentendimento, tudo correndo na mais perfeita harmonia".

Conclui o referido militante do Rio de Janeiro:

"De positivo, o que podemos constatar entre os participantes é um redobrado entusiasmo em conhecer os aspectos teóricos do anarquismo, revelado pela compra de livros, de perguntas sobre o assunto e de debates que se seguiram e que continuam a se verificar. No cómputo geral verifica-se um saldo bastante favorável para nossas idéias".

Serão publicados no próximo número todos os trabalhos aprovados no Encontro Libertário, que não podem ser incluídos neste, por falta de espaço.

PINGOS D'AGUA...

Continua a cantilena — que nos fere os ouvidos e deprime a nossa dignidade de seres pensantes —, a pedir donativos para o Natal das crianças pobres! Criança pobre... Por que criança pobre? Criança pobre, uma ou, ouviram?... Retirem esse apódo de nossos filhos. — do contrário os ensinaremos a repeli-lo com dignidade.

Criança pobre? quando todas as mães lhes dão a vida da mesma maneira, consoante as leis biológicas?... Cântulo da infância! E de meninos — à nossa dignidade! Ultrajante esse diploma que impingem a nossos filhos, esses donos das riquezas nilhadas que são de nossos direitos de também termos as mesmas oportunidades e das nossas crianças serem participantes dos bens sociais!

Nesse sentido, convocamos todas as mulheres mães, para uma guerra sem tréguas visando a derrubada dos preconceitos sociais e das mentiras religiosas e, impondo-nos ao respeito, reagirmos, anarididamente, ao apódo aos nossos filhos, filhinhos identificados como crianças pobres!

Criança pobre, uma ova! Essas crianças têm nome e apelido honrado, que é o apelido dignificante de seus pais.

São as crianças dos heróis do Trabalho! Sim, Trabalho com letras redondas e maiúsculas!

Isso, meu amigo! Crianças desamparadas, e não crianças pobres. Crianças desamparadas! Ou melhor, diríamos: crianças injustiçadas!... Mas por que lembrá-las, para fazê-las sorrir somente em datas fixadas. — O dia da Criança; o dia de Natal... Por acaso, a criança, por ser criança, um ser indefeso, só merece atenção em datas convencionais? Isso mais atende aos lucros comercialistas do que propriamente às crianças.

Lembrá-las no Natal, a fim de compará-las ao menino simbólico que é chamado de Jesus e que fazem crer que era, Jesus, um menino pobre?... Mas essa comparação é um intento satânico!

ISA RUTI

A Ditadura Salazarista

O fascismo salazarista não cessa sua vandálica ação reacionária. Telegramas recentes noticiaram a prisão de diversos intelectuais. Motivo — o de sempre: não se submeterem à ditadura que sujeita o brioso povo português ao sadismo de uma tirania dominante há já algumas décadas.

Dessas prisões tem-se notícia por serem de pessoas de projeção social. Muitas outras são constantemente efetuadas sem nenhuma divulgação: as de trabalhadores. Delas somente têm conhecimento as famílias das vítimas, que passam a sofrer as consequências dessas violências.

A notícia dessa recente arbitrariedade dos ditadores de Portugal provocou imediata repulsa pública de intelectuais do Brasil. Em S. Paulo,

foi promovida uma manifestação de protesto, que se realizou no auditório (inteiramente lotado) da Biblioteca Pública Municipal, Presidência pelo escritor Paulo Duarte, depois de falarem vários oradores, condenando a revoltante violência e solidarizando-se com as vítimas, foi aprovada uma declaração à opinião pública mundial, na qual se condena a prisão dos intelectuais "pelo fato de pretenderem pensar sem dar satisfação à polícia". Foi também deliberado telegrafar ao Reitor da Universidade de Lisboa e ao Ministro das Relações Exteriores do Brasil.

É óbvio que a todos os protestos se associa a do movimento libertário contra o barbarismo salazarista, com votos de breve libertação do povo português.

ADMINISTRAÇÃO DE "O LIBERTÁRIO"

Publicamos neste número, como sempre fazemos, com o propósito de trazer os leitores e amigos do jornal esclarecidos sobre a administração e a proveniência dos recursos destinados à publicação de "O Libertário", mais uma relação de contribuições voluntárias e das despesas feitas. Lembremos aos companheiros que hajam contribuído e que não encontrem o seu nome na relação correspondente ao período mencionado, de 1-10-63 e 8-1-64, a fineza de nos avisar, para que possamos providenciar alguma possível omissão, que, acreditamos, não acontecerá.

CONTRIBUIÇÕES RECEBIDAS DE 1 DE OUTUBRO DE 1963 A 8 DE JANEIRO DE 1964

SÃO PAULO — Cilento, 3.800; Trubilhano, 1.300; Padilha, 1.000; Eurico, 2.000; Zanini, 1.000; Aida Dal' Oca, 500; Rodolfo Felipe, 500; Amelito, 500; Dias, 50; Gimenes, 100; Cecílio, 1.000; Maria Valverde, 200; Nunes, 600; Isa Ruti (em memória de seu marido Americo), 500; Pazirini, 3.800; Paulette, 500; Dr. E. S., 10.000; Rocha Barros, 2.000; Martin, 1.000; Manoel, 100; José Dias, 300; Arrebola, 300; Felix, 1.000; Duarte Batista, 1.000; Gumercindo, 2.000; J. Antonio, 1.500; Nei, 300; Castro, 200; Franze, 100; Raia, 600; Barrilero, 700; Angel, 20; Vital, 300; Anônimo, 100; Ruete, 400; Avila, 150; Miguel M., 200; Petrucci, 200; Francisco, 120; Hans, 110; Anônimo, 100; M. C. O., 500; Fontana, 400; Navarro, 700; Rojo, 500; Pacifico, 100; Rodrigues, 500. Total — Cr\$ 42.450,00.

RIO DE JANEIRO — Esther, 2.500; Ideal, 2.500; Botino, 2.500; Cardoso, 1.000; F. das Neves, 1.100; Rodrigues, 1.050; Gonçalves, 2.000; Diamantino, 600; Manoel, 600; Ferreira, 2.500; Acosta, 400; Emanuel, 2.000; Gustavo, 250; Matos, 250; Ferrua, 500; Porto, 300; Anibal, 500; Angelina, 500; Sobras (troco), 60,00. Total — Cr\$ 21.115,00.

RIO GRANDE DO SUL — Rudesindo, 5.000; Tronco, 100; Rafael, de livros, 500. — Total Cr\$ 5.600,00.

BAHIA (Salvador) — Ranulfo, 200; Donato, 200; Cerqueira, 200; Coriolano, 200; Leal, 200; Alberto, 300; Edson, 200; Dawson, 200. Total — Cr\$ 1.600,00.

SANTOS (São Paulo) — Aldegueri, 5.000; Scala, 300; Costa, 300. Total — Cr\$ 5.600,00.

DIVERSOS — Atilio (Campinas), 1.000; Sem Nome, 500; Onorio (Pindorama), 5.000; Massena (Aracaju), 5.000; Raul Vital (Brasília), 1.000. Saldo do Encontro, 15.725. Total — Cr\$ 28.225,00.

Total Geral	104.590,00
Saldo anterior	55.530,00
	160.120,00

DESPESAS:	
Impres. do N.º 24-25	43.000,00
Selos para expedição	780,00
Correspondência ...	350,00
	35.130,00

SEMEANDO IDÉIAS...

Não consiste a vida no viver somente nem no morrer a verdadeira vida... — NENO VASCO

A paz armada produz a miséria moral e material de que sofre a nossa civilização rudimentar — CHARLES RICHET

Como pode ser livre o homem cuja existência depende do capricho alheio? CARLOS PISANI

Sabeis o que é o governo? É um fenômeno puramente transitório, é uma função correlativa da ignorância social — RAMALHO ORTIGÃO

SALVADOR (BA) — E. Almeida: Recebemos os 1.600 cruzeiros correspondentes às novas assinaturas, já registradas. Excelente trabalho de sementeira ideológica. Cancelados os dois nomes indicados e transferidos outros. Aguardamos com interesse o recebimento do segundo número de "O Exponente"! O Pedro escreverá logo que se restabeleça, Saudações fraternais.

SALVADOR (BA) — R. C. Cavalcante: Feliz sua decisão de cooperar com o jovem idealista. É preciso agir com a juventude, beneficiando-nos de sua euforia estimulante. Saudações.

ITAJUBÁ (MG) — J. N. da Costa: Recebemos seu trabalho poético, que agradecemos. Faz bem à gente poder arranjar alguns instantes que permitam contrabalançar as preocupações desta floresta de cimento armado com a leitura de umas trovas despreocupadoras... Saudações.

PORTO ALEGRE (RGS) — R. F.: Folgamos que tenha regressado satisfatoriamente. A pessoa citada deve ser um jovem que daqui partiu, mudando-se para esse Estado. Diga-lhe que nos escreva. Saudações a todos.

RIO GRANDE (RGS) — C. V.: De fato, são muitas as dificuldades que um movimento pobre (mas limpo) como o nosso tem de vencer na realização de iniciativas dessa natureza. Apesar de tudo, vamos reconquistando e alargando nosso campo de ação. É principalmente entre esses simpatizantes que nossa obra encontra acolhimento. Na seção Administração de "O Libertário" é feita a retificação. Desejamos a completa recuperação de sua saúde.

ARACAJU (SE) — A. M.: Folgamos com a notícia de seu feliz regresso. Aguardamos o trabalho sobre o Nordeste. De grande alcance a iniciativa da fundação de um Centro de Cultura Social alheio às disputas políticas partidárias. Saudações libertárias de todos.

ARACAJU (SE) — J. M. G.: Terá recebido resposta à sua carta de 13 de outubro pp. Alegrou-nos seu pronunciamento e valiosa poderá ser sua cooperação na obra em prol dos princípios de justiça social. Saudações.

"O LIBERTÁRIO"

Em virtude de circunstâncias alheias à nossa vontade, na seqüência bimestral, este número de "O Libertário" aparece com atraso.

Em compensação, o próximo aparecerá com antecedência, isto é, no próximo mês.

MAZELAS SOCIAIS

"A história de todos os mendigos, de todos os vagabundos, de todos os ladrões difere às vezes; no entanto, o gênese histórico da prostituição, do roubo, da vadiagem é sempre o mesmo. Aparecem muitas mulheres que, apesar de tudo, não querem prostituir-se, e muitos homens que recuam diante do roubo e da mendicância. A página do noticiário policial inicia-nos diariamente na vida — ou antes — na morte desses desgraçados."

"Por toda a parte a luta bestial, sangrenta, atroz por um bocadinho de pão como por uma embaziada, por um lugar de lixo como por uma prefeitura, pelo dote de uma noiva como pela conquista de uma herança, por um bom lugar no comércio como por uma expropriação vantajosa."

SEBASTIEN FAURE

O MOVIMENTO LIBERTÁRIO E A ORGANIZAÇÃO PROLETÁRIA

(Conclusão da 4.ª pág.)

corruptor. Esses indivíduos, arredados das atividades profissionais há longos anos, passaram a ocupar os cargos das diretorias dos sindicatos, percebendo grandes ordenados, permitidos pelos fundos do imposto sindical. Formaram esses verdadeiros parasitas sindicais uma poderosa cúpula ditatorial a dominar soberanamente o organismo da sindicalização proletária do Brasil. Vivem eles a justificar a sua nefasta função social promovendo agitações de caráter político e manobrando um mistificador nacionalismo de importação estrangeira.

Dispondo não apenas da tolerância, mas de uma tolerância que assume a forma de chocante proteção, esses indivíduos, que passaram a ser conhecidos por "pelegos", envolvem a organização operária em suas revoltantes manobras, arrastando os trabalhadores a constantes agitações mistificadoras, objetivando apenas suas subalternas conveniências e também as dos elementos políticos que lhes dão proteção.

Atormentados pela calamitosa situação criada pela incessante carestia da vida, de nada valendo os aumentos salariais, que são sempre aumentados com o aumento das utilidades, os mistificadores encontram o campo preparado para a sua exploração.

Essa é a situação que está exigindo um redobramento de atividade na luta pela libertação da vida sindical dos elementos corruptores.

Nessa obra continuam empenhados os anarquistas, prestando sua decidida cooperação ao trabalho de orientação dos operários para que se possa dar nova vida aos sindicatos e ressurgir o verdadeiro movimento proletário brasileiro, tão cheio de gloriosas tradições baseadas no

SOLID. INT. ANTIFASCISTA

No número 15 de "O Libertário", correspondente ao mês de janeiro do ano passado, saiu uma notícia na qual há um lapso que deve ser elucidado. Numa nota sob a epigrafe "Militantes Anarquistas na Revolução Mexicana", após as referências feitas a um punhado dos cultos e heróicos ácratas que nela tomaram e que, por certo, muito influíram no seu desenvolvimento, transcrevem dum Calendário da S. I. A. uma outra que se refere à figura de Praxedes G. Guerrero, saudoso militante libertário mexicano.

Ao citar a procedência da nota, a Redação dá como sendo a sigla S. I. A. as iniciais da entidade: Associação Internacional Anarquista, o que não se ajusta à verdade. A sigla S. I. A. corresponde à Solidariedade Internacional Antifascista, organismo de socorro social.

Permitam-me agora uma referência histórica a respeito da S. I. A. Esta entidade foi fundada em Valência, Espanha, há pelo terceiro trimestre da revolução do povo espanhol contra o levante da aristocracia militar, do clero e da burguesia retrograda, que tinham atraído a República apesar dos juramentos feitos.

Os anarquistas espanhóis, diante das necessidades do povo, criadas pela guerra, decidiram criar um organismo de socorro despido dos entraves burocráticos e com a devida maleabilidade para poder levar, com a maior presteza, a sua ajuda aos que dela necessitavam. Esse organismo, naquele momento crucial da luta contra o fascismo, vinha preencher uma lacuna.

O levante dos militares espanhóis e aliados, como é sabido, tinha-se transformado numa guerra do fascismo internacional contra o generoso povo espanhol. Os libertários, coerentes com a sua doutrina, deram um sentido internacional à entidade. Desejavam

congregar num movimento de solidariedade os homens livres, todos os antitotalitários de cérebro e coração das nações livres, para que dessem a sua ajuda moral e material ao povo que naquele momento histórico derramava o seu sangue em defesa da liberdade e pelo bem-estar na Espanha e também do mundo. Os socorros recebidos pelo organismo seriam distribuídos sem discriminações partidárias, e não, como costumavam fazê-lo certos Socorros, tendo em mira o favoritismo e a catequese de pessoas necessitadas e angustiadas pela guerra.

Com o término da guerra civil e o êxodo dos combatentes libertários para a França, a S. I. A. lá prosseguiu na obra de prestar socorros aos combatentes sociais que necessitavam de sua ajuda.

Essa atividade ainda está sendo desenvolvida, não somente na França, mas também em outros países.

JOSÉ ROMERO

Nota da Redação — Fica assim retificado o lapso citado, com a vantagem do registro de algumas informações históricas.

JOSÉ RAMON ORDONEZ

Por uma informação recebida de Bagé, sem pormenores esclarecedores, tivemos notícia do falecimento, na cidade do Rio Grande, do companheiro José Ramon Ordóñez.

Trata-se de um antigo militante libertário que durante bastante tempo desenvolveu atividades no movimento anarquista e na organização proletária.

Aos seus familiares transmitimos os nossos sentimentos pela perda do nosso velho companheiro de lutas.

Editôra Mundo Livre

ANARQUISMO — Roteiro da Libertação Social — Edgard Louenroth	Cr\$ 900,00
A DOCTRINA ANARQUISTA AO ALCANCE DE TODOS — José Oiticica	Cr\$ 500,00
O RETRATO DA DITADURA PORTUGUESA — Edgard Rodrigues	Cr\$ 600,00
FÁTIMA — (História de uma Traça Clerical) — Tomás de Fonseca	Cr\$ 1.000,00
O NOVO ISRAEL — Agustin Souchy	Cr\$ 600,00
MARX-PROUDHON E O SOCIALISMO EUROPEU — J. Hempden Jackson	Cr\$ 900,00
SOLUÇÃO ANARQUISTA PARA A QUESTÃO SOCIAL — Errico Malatesta	Cr\$ 100,00
CATALUÑA 1937 — George Orwell	Cr\$ 2.500,00
PREANARQUIA — Randalfo Vella	Cr\$ 100,00
A CONQUISTA DO PAO — Pedro Kropotkine	Cr\$ 350,00
PROVAS DA INEXISTÊNCIA DE DEUS — Sebastien Faure	Cr\$ 500,00

Pedidos com valores para Ideal Pires — Caixa Postal, 1 (Agência da da Lapa) — Rio de Janeiro — Guanabara.

Esta Editôra fundada por iniciativa do movimento libertário, está se organizando em moldes cooperativistas. Integram o seu capital quotas no valor de Cr\$ 25.000,00, podendo participar como quotistas qualquer militante, simpatizante ou amigo do movimento libertário, que poderão realizar suas quotas de acordo com as suas possibilidades econômicas, em prestações semanais ou mensais. Diversamente das empresas de caráter comercialista do capitalismo, não tem como objetivo o lucro. O resultado das vendas de cada edição será aplicado em edições de novas obras.

princípio de que a emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos próprios trabalhadores.

Deixando, assim, bem esclarecida a orientação dos anarquistas com referência ao movimento proletário, o Encontro Libertário sugere as seguintes atividades práticas:

Apóio ativo às reivindicações do proletariado, procurando cooperar na orientação das mesmas, para que as melhorias conseguidas não acarretem o agravamento do custo de vida, devendo, ao contrário, as reivindicações de aumentos de salários representar restituições, por parte do patronato, daquilo que consegue extorquir do esforço dos trabalhadores.

Defender o direito de liberdade sindical, sem as peias da intervenção estatal, bem como de livre reunião e de greve.

Combater o Imposto Sindical como elemento de desvirtuamento da atividade sindicalista e por alimentar o parasitismo nos meios sindicais.

Procurar demonstrar aos trabalhadores o maléfico do domínio do "peleguismo" e da intervenção de elementos políticos no meio sindical.

Promoção de conferências e cursos de orientação sindical em sedes de sindicatos e em outros locais que ofereçam condições favoráveis para esse fim.

Intervenção dos libertários, na condição de profissionais, nas atividades sindicais, cooperando no esforço dos operários no sentido de libertar os sindicatos dos elementos desvirtuadores de suas finalidades, de maneira a se tornarem órgãos de elevação de consciência proletária.

(Aprovado no Encontro Libertário realizado em São Paulo.

MOVIMENTO OPERÁRIO

O Movimento Libertário e a Organização Proletária

A organização sindical de resistência dos trabalhadores é um fenômeno imane da sociedade capitalista, consequência natural da luta social que se manifesta e desenvolve mesmo contra a vontade de qualquer corrente política ou religiosa, como expoente da necessidade irreprimível das vítimas do salariado se solidarizarem para defesa de seus direitos vilipendiados pelo patronato e o Estado.

Devendo reunir indistintamente todo o proletariado, baseia-se essa organização no princípio de que o trabalhador se associa pela sua condição de assalariado e não na base dos princípios ou crenças de cada um.

Havendo antagonismo vital de interesses entre o capitalismo e o proletariado, o sindicato operário não pode deixar de ser um organismo de luta permanente contra o patronato e contra o Estado, órgão mantenedor do regime dominante da exploração do homem pelo homem. É também um poderoso elemento de educação social dos trabalhadores, pois traz em constante exercício o seu sentimento de solidariedade, mantendo vivo o seu espírito combativo e dotando-o de uma concepção de conjunto da obra renovadora da luta sindical. Está portanto, destinado a ser, amanhã, um valioso elemento na reconstrução da sociedade, assegurando a viabilidade das concepções libertárias em oposição a toda tendência centralista e autoritária.

Os anarquistas propugnam a organização sindicalista de ação direta, organização baseada no federalismo social, que se articula de baixo para cima, da base para o ápice, da unidade para o todo, do simples para o composto, do indivíduo para a coletividade.

Partindo dos núcleos radicados nos locais de trabalho, vai-se ampliando através dos organismos de bairros, subúrbios, cidades, Estados, regionais e nacionais, culminando na Internacional. Assegurando a autonomia do indivíduo no sindicato, do sindicato na federação em seus vários graus, a desta na confederação, que, por sua vez, é autônoma no seio da Internacional, tem a força de sua ação na solidariedade voluntária de seus membros.

Assentada nessas bases fundamentais, a organização operária de ação direta articula a sua estruturação com a necessária liberdade de movimentos, repelindo o estorvo do burocratismo e orientando a sua administração da maneira mais simples possível, de forma a servir também de exercício de capacitação associativa. Com esse objetivo, todos os seus mandatos são imperativos e revogáveis, exercidos desinteressadamente — salvo em casos excepcionais — como um esforço em prol da causa coletiva, que é a causa de cada um de seus membros. Isso evitará o burocratismo parasitário.

A organização operária sindicalista de ação direta reúne todos os trabalhadores da indústria, do comércio, da lavoura, dos meios de transporte, dos centros em que se cuida da saúde, da educação, das artes e das diversões, enfim, todos os assalariados, todos os elementos que vivem do ganho de seu trabalho manual ou intelectual, sem explorar o trabalho de ninguém, sem perceber renda de capital acumulado.

Essa organização não admite a intromissão da política partidária nos meios proletários, repelindo o predomínio, a interferência ou a influência de qualquer partido, mesmo que se apresente como proletário.

Baseado na lição de um longo período de experiências, feitas em toda a parte onde o proletário tem desenvolvido atividade em prol de seus direitos, o sindicalismo obreiro repele como danosa a delegação de poderes com a participação da organização operária nas disputas político-eleitorais, patenteado como está que sua emancipação não pode vir de fora da sua vontade e luta, evidenciando-se também ser a ação direta a única tática eficiente na luta contra o patronato, sem a qual nem mesmo as mais insignificantes medidas legais serão aplicadas em favor dos trabalhadores.

Alimentando os laços de solidariedade entre os trabalhadores no ambiente emancipador de sua organização de luta, fazendo com que repudiem os vícios e maus hábitos que os prejudicam moral e fisicamente, bem como todos os preconceitos e superstições, o sindicato operário constitui um elemento de elevação moral do proletariado. Desenvolvendo paralelamente uma permanente obra de educação e instrução, a organização obreira sindicalista de ação direta desperta-lhes o senso de responsabilidade, elevando-lhes o nível dos conhecimentos intelectuais, profissionais e sociais, de maneira a serem todos elementos valiosos no movimento pela emancipação da classe trabalhadora.

A organização operária sindicalista de ação direta tem, assim, por fim estreitar os laços de solidariedade entre o proletariado, dando mais coesão aos seus esforços na luta pela reivindicação de seus direitos morais e materiais, econômicos, profissionais e sociais. Unindo o proletariado para a sua ação de resistência à exploração patronal e dos elementos e instituições que a sustentam, habilitando-o para a luta em prol da melhoria de sua situação presente, o sindicalismo de ação direta objetiva a completa emancipação da classe trabalhadora do domínio do capitalismo e do Estado, que mantém o regime de exploração do homem pelo homem. Assim, a organização operária de ação direta concorrerá para o estabelecimento de uma sociedade baseada no princípio da justiça social, na qual o produto do esforço de todos que trabalham se destinará a proporcionar o bem estar a toda a coletividade.

Baseada em princípios que correspondem à necessidade da união da classe trabalhadora com o respeito da individualidade de seus membros e da autonomia de seus organismos; articulando a sua estruturação sem os entraves do centralismo burocrático e corruptor, o que lhe assegura a precisa liberdade de movimentos, a organização sindicalista de ação direta proporcionará à organização coletiva da sociedade um imenso organismo social

com a eficiência capaz de assegurar a todos e a cada um dos que trabalham e produzem o bem-estar e a liberdade a que fazem jus, pondo termo ao império da injustiça dominante e estabelecendo o regime de justiça social...

ATUAÇÃO DOS ANARQUISTAS NA VIDA SINDICAL

É na base dessa orientação que os anarquistas vêm desenvolvendo sua atividade há mais de 60 anos no meio proletário brasileiro, não como chefes, líderes, mentores ou dirigentes, mas sim como partes integrantes do todo, como suas unidades operantes, trabalhando em prol do fortalecimento e orientação de sua organização, lutando por suas reivindicações, esforçando-se pela elevação de seu nível moral e pelo desenvolvimento de sua cultura.

Pela ação dos anarquistas, iniciou-se no Brasil, ao raio deste século, o movimento sindical de resistência, de ação direta do proletariado, firmando-se sua orientação de luta social com a realização dos congressos nacionais tenados a efeito no Rio de Janeiro, em 1960, 1913 e 1930; e regionais, realizados em São Paulo, em 1908, 1931 e 1934, e no Rio Grande do Sul e Pernambuco etc., em períodos vários, deles surgindo a Confederação Operária Brasileira, em 1960, e as gloriosas Federações Operárias de São Paulo, em 1905, e no Rio Grande do Sul, Paraná, Pará, Pernambuco etc., além dos sindicatos, Ligas Operárias etc. em todos os pontos do País.

Não comporta um documento desta natureza um esforço histórico da ação desenvolvida por essas organizações durante o período de sua longa atividade sob a orientação principal dos anarquistas.

Foram dezenas de anos de lutas permanentes contra a ganância do capitalismo e as medidas reacionárias dos governantes.

Partindo do marco zero das reivindicações dos trabalhadores desde, mais acenadamente, o começo deste século, lançou-se o movimento proletário, orientado pelos libertários, na peleja contra o arbitrio patronal e estatal, pela regularização do horário de trabalho, objetivando a jornada de oito horas; pelo aumento de salários com a abolição de descontos e multas; pela regularização do trabalho das mulheres e dos menores; pelas férias remuneradas; pela segurança e higiene nos locais de trabalho; pelo respeito à pessoa do trabalhador e de sua organização, por tudo, enfim, que se patenteava necessário para minorar as consequências da exploração capitalista e melhorar a situação econômica, profissional e moral dos trabalhadores.

Foram anos e anos de duros, de difíceis, de tremendas campanhas nas quais os anarquistas deram sempre o exemplo de atividade, de dedicação e de espírito de sacrifício. Na história do martirologio do proletariado brasileiro figuram os libertários em situação de destaque. De toda a sorte de sofrimentos foram vítimas. Perseguições sem conta, assaltos a domicílios, processos, deportações e expulsões, espancamentos e assassinatos enchem grandes espaços dos jornais de todos os anos passados. Nas matas da Clevelândia as ossadas de militantes anarquistas testemunham a sua dedicação à causa proletária. Ali perderam as vidas, de fome ou dizimados por febres mortíferas, os saudosos companheiros Pedro A. Mota, Nicolau Parada, Nino Martins, José Fernandes Varela e José do Nascimento.

A reação patronal e estatal culminou com a implantação da ditadura iniciada em 1937, estrangulando a atividade da organização sindical de orientação libertária, já prejudicada pela ação deletéria dos bolchevistas, que a queriam dominar para transformá-la em instrumento de suas manobras políticas.

Ficou, assim, a velha e gloriosa organização do proletariado impedida de desenvolver livremente a ação orientadora da verdadeira atividade da luta social.

Não obstante a atividade que os militantes libertários conseguiram desenvolver na clandestinidade, vencendo dificuldades sem conta e sofrendo constantes perseguições, não pôde ser impedido que, a exemplo do sucedido em outros países, surgissem os sindicatos sujeitos inteiramente à influência e controle direto e permanente do governo, através do Ministério do Trabalho que dos mesmos fez objeto de sua demagogia nos manejos da politicagem.

Desde então, ficou a classe trabalhadora do Brasil inteiramente sujeita à ação governamental, e à ação corruptora da burocracia sindical, sofrendo as influências dos elementos que à quem enfeudar a um partido, bem como às tendências de exclusivismo e corporativismo de indivíduos, que como funcionários, pretendem torná-la instrumento de suas conveniências políticas e pessoais.

Cessando o domínio do Estado Novo, embora a reação contra os trabalhadores ainda se faça sentir, trabalha-se no sentido de conseguir libertar a organização proletária das peias ministerialistas, do burocratismo sindical e dos manejos dos politiqueros, para que possa retornar à sua atividade de luta consciente em prol da defesa de seus interesses imediatos e de preparo para a sua completa emancipação.

Essa luta pela libertação da organização proletária brasileira dos elementos negativos que desvirtuam a sua finalidade torna-se, presentemente, um imperativo dominante para todos os militantes do sindicalismo social, entre os quais se encontram os libertários.

A sujeição do movimento sindical proletário ao Ministério do Trabalho continua a causar suas desastrosas consequências, em virtude dos efeitos das manobras políticas das esferas governamentais nos meios operários.

Outro elemento que atua maléficamente, como um corroedor cânico social no movimento proletário é o império sindical. Essa calamidade sindical passou a alimentar um numeroso burocratismo parasitário e

(Conclui na 3.ª pág.)

Conversado com os Leitores

Sob títulos diversos, está se generalizando, também na imprensa libertária, esta seção destinada a abrigar pronunciamentos de seus leitores.

Veiculam esses pareceres, às vezes, alvíres e esclarecimentos e, outras, discordâncias, censuras e até desaforos...

Como os leitores terão verificado, "O Libertário" a adotou há vários números e nela passaremos a acolher tudo quanto não tendo caráter de colaboração habitual, exija publicação, mesmo que tenham feição nada amigável, como a carta que se segue:

NÃO QUER RECEBER

"O LIBERTÁRIO"

"Imo, Sr. Diretor de "O Libertário" — São Paulo:

Jamais tive, não tenho, e tudo indica que não terei qualquer tendência político-anarquista, mesmo porque há muito me tornei indiferente em relação à política.

Por outro lado, tem a direção desse jornal remetido, em meu nome, à rua Barão do Amazonas, 135, nesta, à minha revelia, sem que eu tenha consentido pessoalmente ou por intermédio de outra pessoa — o que me deixa perplexo — um exemplar desse periódico, metódicamente há já algum tempo.

Sou professor primário e por motivo de minhas andanças pelo interior do Estado, não estava ciente de que vinha acontecendo; somente agora pessoas de minha família disso me informaram, causando-me estranheza a atitude dos responsáveis por esse jornal.

Baseado nisso, solicito, também, que me informem qual a pessoa que tomou essa liberdade de usar meu nome, assim, com tanta licenciosidade, pois é de meu feitio fazer tudo às claras, pois "quem murmura segredos tem medo de falar alto"...

Assim, pretendo que suspendam a referida remessa desse periódico, imediatamente, porque o que está acontecendo fuge aos meus interesses e ofende os meus brios de auto-suficiência naquilo que concerne à minha autoridade de providenciar o que me serve. Caso continuem remetendo o citado jornal, rasgá-lo-ei sem o ler...

Outrossim, reservo-me o direito de ficar com a segunda (2.a) via desta, por motivos que só a mim dizem respeito. Atenciosamente, (a) Adhemar S. B. Galdi — (Prof. Primário."

Em 15 de outubro do corrente ano, assim respondíamos ao sr. Adhemar S. B. Galdi, cuja carta fora escrita a 4 de outubro, mas somente aqui recebida a 12 do mesmo mês:

"Sr. Prof. Primário Adhemar S. B. Galdi:

Lamentamos, mas lamentamos profundamente o grande desgosto que lhe causamos com a simples remessa do nosso jornal. Em grande parte, são responsáveis os seus familiares, que, conhecendo-lhe os "brios de sua auto-suficiência" nada custava devolvê-lo, pois que, na faixa que envolve o jornal, há sempre o carimbo "do tamanho de um bonde" para ser comodamente devolvido.

A OPRESSÃO ATRAVÉS DOS SÉCULOS

O mundo vive regido por leis universais que instituíram direitos e deveres para a civilização. Com o propósito de assegurar tais direitos, se constituíram entre os homens forças que vêm, através dos séculos, submetendo essa mesma civilização a um processo de tirânica opressão espoliativa, culminando com o disvirtuamento das próprias leis universais, e da condição natural do homem como ser autônomo e capaz. Essas forças são representadas nos mais variados aspectos. Desde as ditaduras dos césores e faraós até à pseudo-democracia de então, não se viu nada mais que o homem sendo explorado eternamente, quando não pelos gananciosos traidores de sua própria condição, pelo Estado, que, usando dos meios de opressão que possui, submete a civilização à uma ditadura atroz. É também o bolchevismo uma dessas formas degradantes de dominação coletiva, e devemos lutar contra todas as tendências que visem a implantação de tal anomalia em nosso meio.

JOSÉ SANTOS

A remessa de jornais sem a prévia consulta da pessoa é uso e costume em todos os países civilizados. Aqui mesmo, em São Paulo, há vários periódicos nestas condições e não vemos, por isso, a razão de o sr. ficar "perplexo". Remetemos o nosso jornal, além dos nossos companheiros de idéias, também a pessoas que julgamos de mentalidade ventilada, estudiosas, dispostas a enriquecer mais e mais os seus conhecimentos. Entre estes há professores, no meio dos quais temos companheiros, amigos e simpáticos, e cuja profissão reputamos um sacerdócio pleno de responsabilidades e no exercício da qual o professor, quanto maior soma de conhecimentos abranger, melhor vencerá a sua incumbência.

De resto, se poetas como Ricardo Gonçalves; poeta e médico como Martins Fontes; professor catedrático do Colégio Pedro II do Rio de Janeiro como o dr. José Oiticica; se professor e médico como o dr. Fábio Luiz foram anarquistas militantes, não vemos razão porque devíamos sentir-nos peçados em remeter o nosso jornal a outro professor. De que o sr. discorde das nossas doutrinas e não queira recebê-lo, tem todo direito em o fazer, e ficamos-lhe imensamente gratos por isso. Mas, daí a querer estabelecer condições de civilidade à nossa iniciativa, é coisa muito diferente.

Na próxima reunião que terei com os meus companheiros de redação, indagarei de como aconteceu esse medonho absurdo de vir seu nome parar em nosso fichário. Tudo me leva a crer que tenha sido brincadeira de mau gosto de algum amigo seu que lhe conhece os "brios de auto-suficiência" de que o sr. é portador. Tenha certeza, sr. professor Primário, que sua ficha será rasgada e jogada no cesto com a mesma revolta e repulsa que o sr. diz fazer ao nosso jornal.

Diz também em sua truculenta carta — "quem murmura segredos tem medo de falar alto". "O Libertário", sr. professor primário, é um jornal legal e ostensivo, registrado sob o número 652, e tem seu diretor responsável com a solvência moral suficiente para cotejar-se com quem quer que seja. Para dar-lhe cabal prova da nossa franqueza e honradez, sua carta será publicada neste mesmo número de "O Libertário", e ficará aqui arquivada para mostrá-la a alunos e professores que nos visitarem, e para que verifiquem que ainda há muito que fazer no magistério brasileiro.

Finalmente, quando diz em sua carta que — "jamais tive, não tenho, e tudo indica que não terei qualquer tendência político-anarquista", isto nos alegra bastante, pois constatamos, pela sua carta, que o sr. poderá caber em qualquer parte, menos entre os anarquistas.

Lamentamos a inquietação que involuntariamente lhe causamos, lamentamos os exemplares de nosso jornal tão mal empregados, e, esteja certo, "O Libertário" não chegará mais ao seu endereço nem mesmo por engano.

Aqui ficamos, sr. professor, sempre às ordens.

(a) Pedro Catalo — Diretor responsável do jornal anarquista "O Libertário". Rua Rubino de Oliveira, 85 — São Paulo.

COLEÇÕES DE JORNAIS LIBERTÁRIOS

Estão à venda coleções dos seguintes jornais: "A Plebe", "A Lanterna", "Ação Direta". Os pedidos devem ser dirigidos para o nosso endereço, indicado no Expediente.

"O LIBERTÁRIO"

Diretor:
PIETRO CATALO

Toda correspondência (com valores, originais, indicações, etc.) deve ser endereçada EXCLUSIVAMENTE para a CAIXA POSTAL 5739 — São Paulo, em nome do diretor.

Redação e Administração:
Rua Rubino de Oliveira N.º 85
São Paulo

Assinatura Anual, Cr\$ 200,00